



joão gilberto noll e a pomossexualidade

**Carlos Eduardo de Araujo
Placido***

Resumo:

João Gilberto Noll é um autor brasileiro conhecido por compor narradores autodiegéticos deambulantes e instáveis, muitos de difícil definição sexual, o que os torna subjetivos e móveis. A obra a ser analisada aqui, *Solidão continental* (2012), não é diferente em relação à tradição formal nolliana, mas sim na relação entre essa tradição com o renovado escopo conteudístico presente nela. Tanto seu protagonista, João Bastos, quanto alguns dos seus personagens deuteragonistas apresentam uma transitoriedade erótica/sexual acentuada e de difícil entendimento. São seres ficcionais

* Doutorando em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail para contato: ceplacido@gmail.com.

sem uma categoria sexual fixa, ou seja, suas sexualidades são transitórias (AUGÉ, 1994), dispersas (DELEUZE, & GUATTARI, 1995) e fragmentárias (BLANCHOT, 1990). Esta indefinição sexual está sendo chamada de *pomossexualidade* pelos sexólogos Carol Queen & Lawrence Schimel em sua obra *PoMoSexuals: Challenging Assumptions About Gender and Sexuality* (1997). Por isso, o objetivo deste artigo é o de analisar como se edifica a composição tradicional do narrador nolliano com as características pomossexuais mais marcantes indicadas por Queen & Schimel (1997) por meio das construções narrativas acerca do narrador (modo e voz) de Gérard Genette (1995), focando relações das seguintes instâncias narrativas: narrador/protagonista, narrador/personagem deuteragonista e protagonista/personagem deuteragonista.

Palavras-chave:

João Gilberto Noll; pós-modernismo; romance brasileiro; pomossexualidade.

Abstract:

João Gilberto Noll is a Brazilian writer known for composing autodiegetic narrators who are meandering and unstable. Many of them are difficult to grasp sexually, what makes them subjective and moveable. The novel analyzed here, *Solidão Continental* (2012), is not different concerning the Nollian traditional form, but concerning the relation between this tradition and the renewed scope of content presented in it. The protagonist, João Bastos, as well as some of the deuteragonist characters, has a marked erotic / sexual transience which is difficult to understand. They are fictional beings without a fixed sexual category, i.e., their sexualities are transient (AUGÉ, 1994), disperse (DELEUZE, & GUATTARI, 1995) and fragmentary (BLANCHOT, 1990). This

sexual vagueness has been called pomosexuality by the sexologists Carol Queen & Lawrence Schimel in their book *PoMoSexuals: Challenging Assumptions About Gender and Sexuality* (1997). Therefore, this article aims to analyze how the Nollian traditional structure of the narrator is built with the most remarkable pomosexual features indicated by the sexologists Queen & Schimel (1997) through the narrative constructions regarding the narrator by Gérard Genette (1995), focusing mainly on the relationships between the following narrative instances: narrator/protagonist, narrator/deuteragonist characters and protagonist/deuteragonist characters.

Keywords:

João Gilberto Noll; Post-Modernism; Brazilian novel; pomosexuality.

Introdução

Os estudos literários oportunizam aumentar a cultura dos leitores na medida em que auxiliam na explicação de uma visão, por exemplo, romântica ou pós-moderna dos mais diferentes mundos possíveis representados por um determinado escritor em suas mais distintas composições artísticas. Segundo atesta o professor de literatura francesa da Universidade de Reims Champagne-Ardenne, Vicent Jouve (2012): "Se o propósito é ter a visão mais informada possível, é legítimo – até mesmo indispensável – não falar apenas dos textos (e, entre eles, não apenas dos textos literários)" (JOUVE, 2012, p. 09).

Para o professor Jouve (2012), a intenção primordial dessa afirmação não é a de apenas "legitimar" a importância dos Estudos Literários frente as Ciências Humanas e aos leitores em geral, mas também a de demonstrar o quão rica uma análise literária pode ser, já que

atualmente é difícil encontrar alguma pesquisa literária que foque somente o texto literário propriamente dito, ou seja, a parte formal da obra. Na verdade, as pesquisas sobre literatura atuais analisam o texto literário com o auxílio de outras áreas de conhecimento (Psicologia, Sociologia, Sexologia, etc..) e manifestações culturais (Música, Gastronomia, Cinema, etc..).

Em certas obras literárias, tais relações analíticas são, muitas vezes, incipientes ou mesmo simplórias. Entretanto, há textos literários cujas relações são tão bem construídas e interconectadas por seus autores que só uma primeira leitura não é suficiente para apreender grande parte de sua magnitude artística. É o caso do romance contemporâneo *Solidão continental* (2012) do autor gaúcho João Gilberto Noll. Seu narrador autodiegético nos relata as andanças a esmo de seu protagonista, um professor de português para estrangeiros supostamente chamado João Bastos, por diversos *não-lugares* (AUGÉ, 1994), rememorando constantemente suas experiências sexuais (ou talvez até mesmo amorosas) ora de sua juventude, ora mais recentes.

Um elemento interessante de se perceber em *Solidão continental* (2012) é que muitas das experiências desse protagonista são de cunho homoerótico, coadunando assim com uma das ricas tradições de análise literária acerca das obras de João Gilberto Noll como, por exemplo, *A céu aberto* (1996), *Lorde* (2004) e *Acenos e afagos* (2008). Entretanto, talvez o mais interessante de se perceber aqui se refira às outras muitas experiências desse mesmo protagonista que não são exatamente de cunho homoerótico, mas apresentam diferentes características sexuais tais como heterossexuais, bissexuais, andróginas e até incestuosas.

Sendo assim, é importante levar em conta não apenas o teor homoerótico contido em *Solidão continental* (2012)

(teor esse indubitavelmente de grande importância para o seu entendimento), mas também as outras facetas da sexualidade desse protagonista na medida em que tanto a primeira quanto as demais os constituem. Entretanto, olhar para esse protagonista através de um tipo de caleidoscópio sexual, é olhar para um ser sem categoria sexual fixa. Seus leitores se deparam, portanto, com um personagem com traços sexuais indefinidos. Seres (ficcionais ou não) com tais traços são chamados de *pomossexuais*. Acredita-se que tal protagonista (e algumas das personagens secundárias/deuteragonistas) apresentem esses traços particulares. Se eles apresentam tais traços, então se percebe a possibilidade de uma nova leitura da obra nolliana.

A narrativa nolliana e a representação da sexualidade humana

O autor gaúcho João Gilberto Noll é considerado, por inúmeros críticos literários e pesquisadores de literatura, como um dos principais romancistas (e também cronista) da chamada *Geração 90*. Ele angariou cinco vezes um dos principais prêmios literários do Brasil, o prêmio Jabuti, além de já ter sido premiado duas vezes pela Associação Paulista de Críticos de Arte e uma vez pela Academia Brasileira de Letras (isso apenas para citar alguns dos principais, pois há muitas outras honrarias, inclusive internacionais).

Segundo Beatriz Resende (2008), a *Geração 90* é composta por autores contemporâneos brasileiros localizados entre 1990 e começo de 2000. Autores como, por exemplo, Bernardo Carvalho e Milton Hatoum. Entretanto, Resende (2008) atesta, devido às temáticas similares (violência, identidade e personagens marginalizados, entre outras), a inclusão de autores anteriores a esse período como: Antônio Torres, Lygia Fagundes-Telles, Moacyr Scliar, Nélida Piñon e João Gilberto Noll.

Ainda segundo Resende (2008), esses autores aparecem num momento crucial da história brasileira:

Os anos 80, no Brasil, terão uma feição bem definida. O regime militar se esgota, inicia-se a abertura negociada que tem 1984 como marco. Os princípios do Modernismo, que foram revitalizados nos anos 60, estavam longe de serem discutidos. O que caracteriza o período é uma exacerbada preocupação com a afirmação da identidade nacional. Antônio Callado, Darcy Ribeiro (com seu segundo romance *O Mulo*) - os dois maravilhosos utopistas que acabamos de perder - e mesmo Jorge Amado (com *Tocaia Grande*) mas sobretudo João Ubaldo Ribeiro, com *Viva o Povo Brasileiro*, ocupam-se da questão da brasilidade, confiantes de que a afirmação da identidade é uma atitude libertária, necessária à afirmação e independência de um povo. (RESENDE, 2008, p. 10)

Vale a pena lembrar aqui que é publicado em 1980 o livro de estreia de João Gilberto Noll: *O cego e a dançarina*. Pela citação de Resende (2008), percebe-se que é um momento de abertura e maior liberdade artística. Por isso, a grande maioria dos autores da *Geração 90* começam a questionar pontos importantíssimos relacionados à configuração identitária como, por exemplo, o regionalismo, a territorialidade, o nacionalismo, a representabilidade artística e a sexualidade humana. É um momento também relevante para questões acerca da globalização e do capitalismo tardio.

Segundo Rejane Cristina Rocha (2011), a ficção de João Gilberto Noll deve ser vista como intersticial, já que tanto o contexto histórico-social quanto o cultural podem evidenciar tal definição. Para Rocha (2011), o leitor, para

compreender mais profundamente a riqueza literária nolliana, deve levar em conta:

(...) a inserção do livro nos esquemas da indústria cultural, a influência da imagem televisual sobre as estratégias narrativas, o esfacelamento das utopias políticas e a sua substituição por um pragmatismo econômico sem precedentes, acompanhado de um funesto “darwinismo social”, não para decretar a sua decadência temático-formal, mas para refletir sobre como tais contingências, ao invés de levar de roldão a produção literária, a ela ofereceu novos desafios em termos de representação. (ROCHA, 2011, p. 48)

Percebe-se que tanto para Resende (2008) quanto para Rocha (2011), o início da produção do autor João Gilberto Noll coincide com um momento de transição, um momento renovador no contexto histórico-social e cultural do Brasil. Momento esse em que vários autores e pesquisadores (antropológicos, sociológicos, psicanalíticos, literários, etc..) começam a aprofundar as discussões acerca de uma das principais questões sobre a contemporaneidade: *a identidade do sujeito pós-moderno*. A fim de se entender melhor o que este trabalho chama de sujeito pós-moderno, o leitor deve entender bem as três concepções de identidades, tomadas aqui como ponto de partida, indicadas por Stuart Hall (2005): sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno.

Segundo Hall (2005), o sujeito do Iluminismo é um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação. Ele apresenta “centro” fixo e imutável, ou seja, ele nasce e, embora pudesse se desenvolver, seu “centro” permanecia “intacto” com ele por toda a vida, já que seu “centro”

é a sua essência, sua identidade. A alteração desse centro era vista como improvável e impossível. Esse sujeito é baseado no sujeito cartesiano. Ele recebe esse nome por se basear na famosa expressão de René Descartes: "*Cogito, ergo sum*" ("Penso, logo existo").

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que essa "essência", esse "centro", não eram autônomas e autossuficientes, mas era formada em relação ao outro, em relação à alteridade. Esse "outro" mediava seus valores, desejos, sentidos, e símbolos, em outras palavras, a cultura, o mundo onde ele habitava. Portanto, a identidade é formada na "interação" entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado e modificado constantemente num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem.

Entretanto, discute-se, nos dias de hoje, que são exatamente essas ideias de imobilidade, universalidade, totalidade e essencialidade, tanto do sujeito do Iluminismo quanto do sujeito sociológico, que estão mudando recorrente e velozmente. O sujeito, aprioristicamente apreendido com uma identidade unificada e estável, está sendo representado de forma fragmentária, descentralizada, amorfa ou polimorfa, opaca e dispersa. Ele seria constituído não apenas de uma única, mas de várias identidades, muitas vezes, identidades disjuntivas.

A humanidade vem sendo bombardeada constantemente por informações, influenciada por diferentes meios de comunicação e pela utilização de novas tecnologias. As diferentes mídias desenvolvem e instigam novas demandas de consumo, demandas essas, muitas vezes, sem grande conexão com as necessidades do

sujeito. Entretanto, isso não deixa de oferecer ao indivíduo diversas chances de identificações. É interessante perceber que tudo isso coloca o sujeito na posição de mero espectador. Nunca, na história da humanidade, o local e o global estiveram tão intimamente ligados à formação de sua identidade. Cabe ao sujeito pós-moderno construir uma identidade estável e que se sustente na trama histórica que se desenrola no tempo e no espaço.

Ele (o sujeito pós-moderno) interage diretamente com o mundo ao seu redor e é, por consequência, modificado por ele, não obstante, ele também o modifica. Isso tudo ocorre no mesmo tempo que esse mundo exterior está entrando em colapso, suas ideologias, outrora consideradas universais e totalizantes, estão se esfacelando e suas bases ruindo. Isso faz com que as identidades culturais se tornem provisórias, variáveis e densamente problemáticas.

Todo esse novo processo acaba por produzir um novo sujeito, o sujeito pós-moderno. Ele não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma "celebração móvel": transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 2005). Além disso, ela é definida pelo discurso historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro do sujeito pós-moderno, há identidades contraditórias, empurrando-o em diferentes direções, de tal modo que sua identidade é constantemente ressignificada.

Como já indicado previamente, a partir do início da década de 1980, inúmeros estudos acerca de identidade do sujeito pós-moderno começam a emergir tanto na

cena internacional quanto na nacional. São estudos de cunho antropológico, sociológico, psicanalítico, entre muitos outros, inclusive de cunho literário. Diversos autores “componentes” da chamada *Geração go* nararam, dentre várias temáticas, aquelas relacionadas diretamente à configuração do sujeito pós-moderno tais como a *transitoriedade*, a *rizomatização* e a *fragmentação*.

Esses três temas, sublinhados no parágrafo anterior, auxiliam a compor um dos pontos principais relacionados ao pós-modernismo, às questões relacionadas às sexualidades contemporâneas e à própria Modernidade Líquida: a *indefinição*. Ademais, tais temas são delineados literariamente por João Gilberto Noll na obra *Solidão continental* (2012), objeto central desta análise literária. Entretanto, antes de tentarmos entender como João Gilberto Noll configura tais temáticas na obra em destaque, é importante deslindarmos mais claramente os elementos “subcomponentes” (*transitoriedade*, *rizomatização* e *fragmentação*) da “ideia-maior”: a *indefinição*.

Segundo Resende (2008), percebe-se que a questão da *transitoriedade*, da *rizomatização* e da *fragmentação* (principalmente do texto literário) cria espaços indefinidos, ruas ermas, cidades sem nomes, ou seja, o *não-lugar* é o espaço preferido para as deambulações tanto dos protagonistas quanto das personagens circundantes existentes nas obras literárias dos autores da *Geração go*. E pode se verificar que essas três características estão presentes no conceito de pomossexualidade proposto por Carol Queen & Lawrence Schimel (1997). Mas, ao fim e ao cabo, o que é pomossexualidade?

Pós-modernismo e pomossexualidade

A palavra pomossexual foi cunhada por Carol Queen & Lawrence Schimel (1997) em seu livro *Pomossexuals*:

Challenging Assumptions about Gender and Sexuality. Nele, ambos propõem essa palavra-valise por acreditarem que a sigla LGBTTT¹ não vem comportando mais a gama prolífica das chamadas “minorias sexuais” existentes, muito menos daqueles sujeitos em trânsito ou que se classificam sexualmente como indefinidos. Conquanto, os autores deixam claro, logo no prefácio, que essa palavra não é uma substituição simplória dessa notória sigla usada, às vezes, desnordeadamente, mas sim uma adição contrapontística:

Não propomos que a palavra “pomossexual” substitua a sigla LGBT. Este termo faz referência tanto à homossexualidade quanto à descrição daqueles à margem desta comunidade, os *queers*, que parecem não conseguir se enquadrar em uma só identidade, simples e agradável. (...) nós reagimos contra estes pressupostos, do mesmo modo que o pós-modernismo da arte foi uma reação contra o modernismo (QUEEN & SCHIMEL, 1997, p. 10, tradução nossa).

Conforme Queen & Schimel (1997) explicitam no trecho acima, a configuração pomossexual (e o estado de ser pomossexual, traduzido livremente aqui por pomossexualidade) é uma reação questionadora das categorias sexuais solidificadas, quer consciente quer inconscientemente, pelas teóricas *queer*, Judith Butler (1988), Eve K. Sedgwick (1991), Julia Kristeva (2002), entre outras, da mesma forma que, segundo Queen & Schimel (1997), o Pós-Modernismo pode ser visto como uma reação questionadora frente ao Modernismo.

Por isso, esses autores optam pelo prefixo *pomo* que, em inglês, é a abreviatura de Pós-Modernismo. Sob a égide de Queen & Schimel (1997), a pomossexualidade abarca diversas características pós-modernas, mas se

centrando na questão da sexualidade humana. Entretanto, o Pós-Modernismo apresenta inúmeras características que nos deixa as seguintes perguntas: Será que todas as características consideradas pós-modernas são abarcadas pela pomossexualidade? Se não, quais das características pós-modernas auxiliam na constituição de um ser pomossexual (ou seria melhor falar em seres pomossexuais)? Os seres pomossexuais apresentam as mesmas características ou se deve compreender cada ser em sua pomossexualidade?

Para Queen & Schimel (1997), um ser pomossexual é um ser indeterminado sexualmente, ou seja, ele não apresenta uma categorização sexual estagnada e imutável, mas, em vez disso, sua constituição identitária se encontra em constante transformação, seus desejos sexuais são transitórios e dispersos em um emaranhado de possibilidades. Além disso, seus desejos são descentralizados, em outras palavras, rizomáticos², e suas respectivas composições, fragmentárias³. Por isso, ainda segundo Queen&Schimel (1997), o pomossexual tem uma liberdade maior de escolha e da própria consubstanciação de seus desejos sexuais. Ele pode caminhar pelos mais diversos estratos sexuais sem restrições ou amarras de qualquer gênero ou orientação sexual. Seus desejos parecem não possuir uma lógica ou um sentido único, mas são cambiantes e “multiopcionais”. Sua própria constituição identitária não é medial e universal, mas não linear e movediça.

Sobre a *transitoriedade*, deve-se notar que o ser pomossexual se encontra no *não-lugar*. Os não-lugares são espaços vazios de conteúdo, sem história, são neutros, são transitórios, em geral, de uma arquitetura de desnudamento. Isso ocorre porque, segundo Augé (1994, p.121), “um lugar apresenta como uma das suas características a linearidade da ocupação, a sua horizontalidade, a expansão do uso do solo a partir de atividades

específicas de cada lugar”. Nem todos os espaços são ocupados, há na linearidade espaços que não são ocupados, literalmente vazios. Nesta linearidade, não existe experiência nenhuma e não tem significado para as pessoas que perpassam por esses lugares. São lugares que nada tem que ver com quem os usa, por exemplo, as estações de trem, as rodovias, os aeroportos, os pontos de ônibus, etc. Esses lugares são apenas pontos de partida e de chegada, ou seja, eles são vias de alta velocidade.

Consequentemente, o sujeito pomossexual, diante de tantas opções e sem conseguir chegar a uma concretização sexual única, inicia, em função da fragilidade do contexto, rupturas que são reações convenientes para os que buscam uma forma de fuga devido ao desentendimento da exposição interna e externa do mundo transitável. Aproveitando esse espaço de rejeições e inovações, o sujeito pomossexual se modifica ininterruptamente. Ele se metamorfoseia a cada novo instante à cata de uma estabilidade nunca palpável, nunca atingível. E é nesse momento que ele expõe as insatisfações do sujeito pós-moderno. A troca de fluidos sexuais é sempre irregular e insuficiente, forçando o ser pomossexual a retomar sua busca, sua caça à consubstanciação de seus desejos sexuais mais íntimos. Logo, ele se sente constantemente deslocado, fora de eixo e sem um centro unificador.

Para Queen (1997), a pomossexualidade deve ser compreendida em sua potencialidade de resignificação da sexualidade humana no mundo contemporâneo. Por ter características rizomáticas, ela desconstrói as identidades sexuais tidas como fixas e imutáveis (heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, etc..) e lhes atribui novos conceitos. Em seu artigo introdutório, Queen (1997) questiona diretamente o que é ser heterossexual ou homossexual nos dias de hoje. Por

exemplo, com tamanha liberdade de escolha no mundo atual, ainda é possível falar em apenas uma heterossexualidade ou uma homossexualidade? Ou o que se percebe atualmente é a existência de várias heterossexualidades e várias homossexualidades?

A própria concepção de essencialismo é complexa e multifacetada. E esse é um dos pontos centrais do questionamento de Queen (1997), se não há um conjunto de características comuns a todos os homossexuais, como eles podem ser classificados monoliticamente? E ela vai além, ao propor uma pergunta, a princípio, ainda mais complicada a ser respondida: A única definição possível a ser aplicada a um ser homossexual é que ele apresenta desejos sexuais por alguém do mesmo sexo?

A questão do essencialismo homossexual não é único questionamento de Queen (1997), ela também percebe a força questionadora da homossexualidade acerca da heteronormatividade. Por isso, é importante entender o que este trabalho chama de heteronormatividade. Segundo Richard Miskolci (2009), a heteronormatividade é: "(...) compulsória e é um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, até mesmo aqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto". (MISKOLCI, 2009, p. 03)

Portanto, a heteronormatividade deve ser compreendida aqui como uma forma de "regulamentação" compulsória da sexualidade humana, ou seja, só há uma sexualidade disponível e "correta" e ela é a heterossexual. Nádía Perez Pino (2007) ainda destaca a relevância dos estudos queer acerca dessa forma reguladora.

Ao longo do decorrer da história do Ocidente, nota-se claramente a subordinação do múltiplo pelo uno, onde o uno sempre esteve contido no múltiplo. Ademais, o

múltiplo só foi admitido para garantir o uno por oposição dialética. Para Deleuze e Guattari (1995), o desejo do sujeito do Iluminismo se dá por sua configuração una, singular e centrada. Ele se compõe arborescentemente, ou seja, por meio da dualidade, da compartimentalização, da causalidade e da sucessividade. O tronco principal representaria um dipolo de ligação, isto é, o tronco seria o conceito que permearia e guiaria todos os outros segmentos da árvore (até mesmo os segmentos opostos ao tronco têm como referência o mesmo). Além disso, este tipo de esquema tem como características pontos fixos de onde surgem galhos ligados a este centro.

Por outro lado, a concepção de rizoma se afasta da ideia de estrutura centralizada, hierarquizada, na qual a metáfora mais comumente utilizada é de uma grande raiz, da qual se originam ramos e desses ramos as demais ramificações se espalham, embora eles estejam sempre ligados por uma relação de interdependência com aquela matriz. Portanto, no rizoma não há um ponto central, sendo que qualquer ponto poderia incidir ou afetar um outro ponto. É nessa matriz do pós-estruturalismo que os filósofos franceses vão afirmar que o território existe enquanto processo permanente de se tornar (devenir). Ele não se fixa e não se estratifica, mas é fluido e se interrompe quando da coagulação deste fluxo.

Como verificado até esse momento, o ser homossexual é um ser transitório, ou seja, está sempre em trânsito, movendo-se, por não apresentar nem uma identidade e nem um desejo fixo. Além disso, seu desejo é rizomático, exatamente por não apresentar um ponto central fixo, mas diversos pontos os quais podem ser abordados a fim de se compreender sua constituição. Portanto, não há mais espaço, na Pós-Modernidade, para se falar em sexualidade unitária, singular e indivisível. O desejo homossexual é transitório, rizomático e

também fragmentário. Entretanto, ainda falta explicar o que esse artigo entende por fragmentário.

A princípio, há diferenças importantes entre fragmentado e fragmentário. Segundo Andrade (2007), qualquer leitor contemporâneo deve compreender que a fragmentação do texto literário se dá estrutural e conteudisticamente, ou seja, um texto literário fragmentado é um texto sem linearidade, sem começo, meio e fim, repleto de histórias incompletas e despedaçadas. Entretanto, ainda para Andrade (2007), o leitor tem que ter em mente a diferença entre *fragmentação* e *fragmentário*. O primeiro é a definição dada inicialmente neste parágrafo enquanto que o segundo deve ser apreendido como abarcante das características do primeiro, embora o leitor deva ainda acrescentar a esta significação os seguintes elementos: a construção de múltiplos planos, a configuração da memória, a edificação da linguagem sintomática com perspectivas esfaceladas e a explícita presença da intertextualidade.

Devido a isso, este trabalho opta por utilizar o adjetivo *fragmentário* ao invés de fragmentado, por compreendê-lo como sendo mais frutífero para se analisar o texto literário. A narrativa fragmentária é um registro que provoca uma leitura semelhante à leitura do ciberespaço, com modificações constantes e que inclusive abdica de ser lida de forma linear, pois trabalha com a simultaneidade de informações.

O fragmento é, conforme Blanchot (1990), incompleto, inconclusão e não peça pronta colocada ao lado de outras para assim serem apreciadas. Nem mesmo é parte de outra coisa ali perdida e imóvel. A sua inconclusão lhe propicia movimento (o movimento da persistência ou da espera) e é nela, que torna preenchíveis os vazios existentes entre os fragmentos, que se encontra sua beleza. Os fragmentos criam segredos, algo a ser descoberto

na medida em que o todo não é explicitado. Esta seria a particularidade do fragmento, ou seja, percebendo o descontínuo é mais fácil atribuir outros significados que não aqueles forjados pela ideia de totalidade.

A indefinição como aspecto delineador da estrutura do romance

A pesquisadora Shirley Carreira (2007) afirma que os personagens dos romances de João Gilberto Noll são *inadequados*. Mas o que é ser inadequado? Para Carreira (2007), ser inadequado é refletir a falta de consciência e o fracasso existencial do homem contemporâneo. Sendo assim, percebe-se a recorrência de personagens nollianos que estão sempre à deriva, sujeitos fragmentários e, primordialmente, sem capacidade de definir uma narrativa coerente do “eu” que estabeleceria significados e sentidos pertinentes à existência de seu ser.

Esse artigo não postula que esses personagens não possuam consciência de sua configuração haja vista as constantes indagações dos desejos sexuais do protagonista de *Solidão continental* (2012). Na verdade, o que se verifica é um novo olhar para a configuração de identidades incertas. É também tentar compreender o mundo ao redor em suas facetas indefinidas. É uma consciência mais fenomenológica, portanto, não mais baseada na forma de pensar cartesiana. Os personagens nollianos se constituem, segundo Rafael Oliveira (2008) “(...) a partir de um jogo constante de (re)criação de espaços sociais, cujo dinamismo é posto em ação a partir de uma pluralidade de práticas e de desejos entre homens *samesex-oriented*”. (OLIVEIRA, 2008, p. 12)

Entretanto, esse dinamismo não se dá apenas por meio de personagens homossexuais. Na verdade, ler o livro *Solidão continental* (2012) apenas pelo viés homoerótico, é lê-lo parcialmente. Por conseguinte, ler uma obra

parcialmente é lê-la enfatizando alguns pontos tomados como mais importantes em comparação direta com outros considerados então como supérfluos ou dispensáveis. Se se tentar apreender o protagonista de *Solidão continental* (2012), João Bastos, somente por meio de seus traços homoeróticos, o leitor deixará de lado toda sua configuração indefinida, em outras palavras, é determinar sexualmente um ser sem uma determinação sexual clara ou imutável.

Solidão continental (2012) retrata as andanças a esmo de seu protagonista, João Bastos, por meio de vários espaços, muitos dos quais, indefinidos ou de poucos detalhes descritivos. Muitos desses espaços podem ser considerados *não-lugares* à guisa de MarcAugé (1994). Ademais, vale a pena destacar aqui que o espaço tecido por Noll não é a única instância narrativa com caráter indefinido. O tempo construído em *Solidão continental* é também indefinido e auxilia na caracterização de personagens indefinidos, inclusive do próprio protagonista (também narrador) da história.

O narrador de *Solidão continental* (2012) possui função fundamental para se compreender mais profundamente as edificações dessa obra e seu próprio enredo. Ao longo do romance, o narrador nos indica as diversas vicissitudes e idiosincrasias da constituição identitária indefinida do protagonista, João Bastos. Ele apresenta atração sexual por seres homossexuais, supostamente homossexuais, bissexuais, andróginos e, quiçá, heterossexuais, além de relações supostamente incestuosas. Durante toda a obra, ele “desliza”, “experimenta”, “dispersa-se” em diferentes orientações e desejos sexuais. No entanto, como esse narrador constrói seu protagonista de forma indefinida?

O narrador de *Solidão continental* (2012) usufrui de uma pletora de recursos narrativos para edificar seu

protagonista sem classificação sexual clara haja vista a própria materialidade do romance em destaque. A obra literária *Solidão continental* (2012) apresenta características de um romance tradicional? Sua extensão e segmentação condizem com as de um romance tradicional ou tais elementos literários rompem com este? Ao ser questionado sobre a irregularidade específica da organização espacial de alguns de seus romances por um jornalista da revista *Livre Opinião* (2014), João Gilberto Noll responde o seguinte:

Nunca tive a intenção de desestruturar a narrativa do romance tradicional. É uma questão, eu diria, de fundo neurológico: não sei contar sem esse simultaneísmo entre o que é a chamada realidade do personagem e suas várias possibilidades ideais. Acho que acontece assim com um certo tipo de artista, que faz de uma sua inadequação o seu estilo, a sua estética.

De fato, o narrador de *Solidão continental* (2012) organiza o enredo de forma a desestruturar a narrativa do romance tradicional (história narrada com começo, meio e fim). Ela é construída de forma peculiar e sem delimitações de leitura tais como as presentes no romance tradicional. E essa forma parece ser esse “simultaneísmo” indicado pelo próprio autor, mas não é qualquer “simultaneísmo”, é um tipo indistinto, brumoso, ou seja, de difícil apreensão.

Esse “simultaneísmo” se dá de várias formas. Por exemplo, na não nomeação dos capítulos, na edificação da obra como se fosse um livro de contos e na própria caracterização do protagonista por meio de elementos pomossexuais. É importante verificar aqui que não se devem tomar tais formas aleatoriamente ou, mesmo, separadamente. Como o próprio Noll (2014) comenta “(...) não sei contar sem esse simultaneísmo

entre o que é a chamada realidade do personagem e suas várias possibilidades ideais". Um leitor nolliano mais atento tem que ler *Solidão continental* (2012) por meio de sua organicidade tanto estrutural quanto conteudística.

A não nomeação dos capítulos atribui certa liberdade à confecção e leitura do enredo, que por sua vez se torna mais denso ao ser tomado como um todo e não apenas em partes distintas. Sendo assim, ele (o leitor) possui total liberdade de iniciar a leitura em qualquer segmento do romance (leitura rizomática). Tal leitura reforça a ideia de um tempo presente constante (ou também chamado de tempo gnômico) e aparentemente infundável. Mesmo aquilo que poderia ser considerado passado dentro da cronologia interna da narrativa é questionado haja vista o trecho abaixo:

Pois a figura era simplesmente a de Bill. Bill Stevens, rememorei... Bill, simplesmente o mesmo que eu conhecera vinte e oito anos atrás, aquele que na época tinha seus 29 anos de idade... O que eu tinha então também. Mas ao invés de Bill trazer os sulcos do tempo feito a minha face, ele se rejuvenescera milagrosamente, mas não um rejuvenescimento sadio, de quem aprimora sua força vital com uma boa alimentação, exercícios físicos, falta de estresse... Seu corpo parecia ter dado pra trás e empacado em épocas anteriores àquela em que eu o conhecera. (NOLL, 2012, p. 18).

Por meio do trecho acima, nota-se que o tempo é confuso e incerto. Um dos principais indicadores de tal constituição temporal se refere ao processo de rejuvenescimento da personagem deuteragonista, Bill Stevens, que, segundo o próprio narrador, milagrosamente se apresenta ao protagonista de forma rejuvenescida,

mesmo depois de se passarem vinte e oito anos. É como se o tempo nunca tivesse passado. Tal constituição temporal questiona diretamente a veracidade tanto das memórias do protagonista quanto de um suposto tempo passado. Quanto mais reforçado fica o tempo presente, mais os personagens são vistos de forma indeterminada, pois eles se encontram desraizados e sem perspectivas de futuro.

Sem passado ou futuro, só tempo presente, o leitor se sente livre para transitar sua leitura da forma que almejar, já que o protagonista parece estar sempre no mesmo momento, não há linearidade ou percurso narrativo a se seguir. Embora tais características acabem por fragmentar o enredo, é só por meio da leitura completa dessa fragmentariedade que se pode compreender mais profundamente todas as nuances, silêncios e particularidades da sexualidade indefinida do protagonista, João Bastos.

A questão da não nomeação não é um recurso literário utilizado apenas na não nomeação dos capítulos. O próprio protagonista tarda a ser nomeado pelo narrador e, mesmo quando tal nomeação esperada ocorre, o protagonista quase que nega tal nomeação, atestando a importância do ato de nomear, mas se refutando a aceitar tal nomeação. Para ele é insignificante se conhecido por seu nome próprio, João Bastos, ou não:

(...) respirei fundo e trouxe à tona um nome de quatro letras chamado João sem saber com convicção se aquele de fato era o meu nome mas era, não havia outro, João, repeti, e ela queria saber o nome completo, o sobrenome também, e eu respondo que assim é demais, que eu só tenho esse, nenhum mais, e ela se mostra meio impaciente e pede que eu durma, que ela vai me sedar mais. E antes que ela

aplicasse em mim mais sedativos que eu digo ó, é João... João Bastos. (NOLL, 2012, p. 89)

Um ser que não se nomeia ou refuta nomeações se encontra mais livre em suas escolhas, inclusive nas escolhas das relações sexuais. Sem um nome claramente masculino ou feminino (ou mesmo sem qualquer nome de qualquer tipo), fica difícil para um leitor saber exatamente qual é sua orientação sexual. Isso instiga e incentiva a imaginação do leitor que, por sua vez, pode classificá-lo à sua vontade. Esse protagonista pode ser do gênero masculino, feminino, bigênero, ou apresentar características andróginas ou, até mesmo, de um ser de intersexo⁴. A mão do narrador é importantíssima nesse momento, pois é exatamente em como o narrador expõe ao leitor tal indeterminação sexual que oportunizará ao leitor deixar sua imaginação fluir, voar, intensificando assim sua experiência frente à leitura.

Um ser pomossexual vê a nomeação da mesma forma. Nomear um ser é lhe atribuir uma pletera de características, inclusive sexuais. Quando o narrador revela o nome *João Bastos* aos seus leitores, ele não está apenas batizando-o, ele está tentando defini-lo. *João* é um nome masculino e, devido a isso, carrega consigo características comumente atribuídas a ele como, por exemplo, masculinidade e atração pelo sexo feminino. Entretanto, isso não ocorre. A caracterização hábil do narrador desconstrói tal visão totalizante e universal ao edificar um protagonista com atração sexual por seres de diferentes categorizações sexuais.

E por que isso ocorre? Há várias possíveis explicações, umas já indicadas aqui *a priori*. De todo jeito, por se tratar de uma leitura pós-moderna, uma das mais plausíveis se relaciona à incompletude do ser ficcional nolliano. Noll parece não ter intenção alguma de criar liames

explícitos, de aprisionar seus personagens com correntes identitárias, em categorias sexuais fixas.

Ao fazer isso, ele acaba por tecer um ambiente móvel, efêmero e indefinido. Muitas vezes, os espaços até são nominados em *Solidão continental* (2012), mas pela destreza do narrador, permanecem inidentificáveis, brumosos como se verifica com a capital do estado de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, no Brasil, que angaria outra configuração diferente da esperada de uma cidade brasileira (festiva, alegre e acolhedora, para exemplificar com alguns poucos adjetivos). A Porto Alegre de *Solidão continental* (2012) é uma cidade passageira, melancólica e inóspita. Ambiente propício para os andarilhos, os peregrinos, os ungidos, os messias, dentre outros seres em trânsito.

O protagonista de *Solidão continental* (2012) também parece indagar sobre conceitos e definições quando se vê ou vê algumas personagens deuteragonistas fragmentariamente. O mesmo campo de possibilidades é concedido ao leitor. Seu caminho desbravador se torna mais rico e plural. O mesmo pode ser aplicado aos capítulos, pois se há um narrador repudiando as categorias sexuais vigentes, consciente ou inconscientemente, como seria possível prendê-lo em capítulos claramente inumerados ou nomeados?

Esse repúdio à restrição sexual questiona diretamente as matrizes de poder indicadas por Butler (1998), matrizes essas muito bem definidas (heteronormativa, eurocêntrica e falocêntrica): Sendo os gêneros instituídos numa matriz de poder (...) então ficam excluídos, a rigor, os seres abjetos, "aqueles que não são ainda "sujeitos", mas que formam o exterior constitutivo do domínio do sujeito"(BUTLER, 1998). Aqueles cujas sexualidades não se comprazem com as matrizes de poder são marginalizados e repudiados por seus controladores.

No caso de *Solidão continental* (2012), o primeiro encontro físico é descrito de forma idílica, quimérica com um final fantasmagórico e fantástico. Ao encontrar o americano Bill Stevens no quarto do hotel (outrora Bismarck, atualmente Allegro), o protagonista, João Bastos, rememora experiências passadas e divaga vivamente as possíveis experiências a se concretizar. Tudo isso é edificado incompletamente, com traços opacos e adjetivos incertos. Esse hotel, sem aparentemente nome fixo, reflete diretamente a caracterização desse encontro pelo narrador que é descrito também de forma incompleta (inclusive sexualmente).

Essa indefinição sexual pode ser verificada logo no início do romance quando o protagonista, João Bastos, apresenta intenções de cunho homossexual perante algumas das personagens circundantes inseridas nesta parte do enredo. Tais relações são (ou não) consubstanciadas por meio do americano Bill Stevens e do recepcionista do hotel Allegro. As relações homossexuais com Bill Stevens são um pouco mais bem delineadas em comparação direta com as relações projetadas frente ao recepcionista do hotel Allegro.

Isso talvez ocorra, pois Bill Stevens parece já ter mantido relações desse cunho com o protagonista anteriormente. Na verdade, o motivo da viagem de João Bastos à cidade de Chicago, nos Estados Unidos, é a de reencontrar esse americano que parece ter sido o grande amor de sua juventude. Entretanto, mesmo esse grande amor não é confirmado pelo narrador, apenas indicado. Já a relação do protagonista com o recepcionista é menos clara, pois a figurativização desse personagem é mesclada com a de Bill Stevens. Tal mescla produz no leitor da obra uma caracterização ainda incerta, suspeita. E, no meio da narrativa, a distinção entre esses personagens se torna um ato difícil, quase impossível de ser realizada como se pode averiguar no trecho abaixo:

Não fosse o barulho da descarga, poderia pensar que talvez o intermediário estivesse dramatizando um entreato entre a negociação entre nós dois, na portaria, e o momento em que ele mesmo entraria com seu próprio corpo para me satisfazer. Nesse entreato havia a criação de uma terceira pessoa que ele estava sabendo inventar para me conceder ainda mais cobiça carnal. (NOLL, 2012, p. 17)

Tudo isso acaba por aparentemente projetar a imagem de outro ser, de outro personagem sem nome e de contornos completamente incertos o que leva os leitores nollianos a levantar duas hipóteses: 1- Ele pode ser apenas outro personagem a entrar na narrativa ou, ainda, 2 - ele pode ser considerado a junção (ou o resultado da junção) de Bill Stevens e do recepcionista. É interessante notar que nenhuma dessas hipóteses é confirmada pelo narrador.

Além disso, verifica-se que o narrador, em meio a todo um emaranhamento formal-conteudístico, traz à tona o casamento heterossexual (e também fracassado) do protagonista, tido há muitos anos atrás com a personagem deuteragonista Elvira. Entretanto, não há um aprofundamento mais detalhado desse relacionamento, sendo apenas inferido rapidamente tanto o casamento quanto as relações sexuais em um momento singular da narrativa pelo narrador: "O meu casamento com Elvira se esfacelava a conta-gotas, eram telefonemas diários, ela vinha ao hotel onde eu me hospedara provisoriamente, (...)". (NOLL, 2012, p. 15)

Em suma, tal percurso analítico foi fundamental para corroborar a ideia (chamada aprioristicamente neste trabalho de ideia-maior) de indefinição sexual de um protagonista com vontades e predileções sexuais também indefinidas. Talvez o mais relevante de se perceber

nesta análise se refira à amplitude que tal leitura atingiu. Embora o foco tenha sido sobre a representação da sexualidade indefinida do protagonista, tal análise oportunizou lê-lo nas suas mais diferentes complexidades, nas suas mais distintas sexualidades, ou seja, na sua indeterminação sexual. A focalização em um só tema (mas bem complexo) proporcionou uma leitura mais ampla tanto do protagonista, João Bastos, quanto de diversas personagens deuteragonistas. Ademais, ainda se deslindaram os recursos literários utilizados pelo narrador autodiegético a fim de edificar um texto transitório, rizomático e fragmentário.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Maria Luzia Oliveira. A fragmentação do texto literário: um artifício da memória? *Interdisciplinar. Revista de Estudos em Língua e Literatura*, v. 4, n. 4, p. 122-131, jul./dez. 2007.
- Disponível em: <http://200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARO_INTER_4/INTER4_Pg_122_131.pdf> Acesso em 20/07/2014.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus, 1994.
- BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. 13. ed. Lisboa: Relógio D'Água, 1990.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARREIRA, Shirley de Sousa Gomes. A identidade traduzida em *Lorde* de João Gilberto Noll. *Revista Eletrônica de Humanidades*, v.5, n. 10, jan/mar, 2007, pp.72-88.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. 3. ed. Lisboa: Vega, 1995.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- JOUVE, Vincent. *Por que estudar literatura?* Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2010.
- KRISTEVA, Julia. *O gênio feminino: a vida a loucura e as palavras*. Trad. Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, Tomo 3 - Colette.
- LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- MISKOLCI, Richard. A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normatização. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, n. 21, p. 150-182, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/o8.pdf>>. Acesso em 04/07/ 2014.
- NOLL, João Gilberto. *A céu aberto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. *Romances e contos reunidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- _____. *Lorde*. São Paulo: Francis, 2004.
- _____. *Acenos e afagos*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- _____. *Solidão continental*. São Paulo: Record, 2012.
- _____. João Gilberto Noll: Nunca tive a intenção de

desestruturar a narrativa do romance tradicional. Livre Opinião - Ideias em Debate, 9 jun. 2014. Entrevista concedida a Jorge Filholini e Vinicius Jorge Andrade. Disponível em <<http://livreopinioao.com/2014/06/09/joao-gilberto-noll-nunca-tive-a-intencao-de-desestruturar-a-narrativa-do-romance-tradicional/>>. Acesso em 20/10/2014.

OLIVEIRA, Rafael. *Lugares e entre-lugares do desejo: identidades e experiênciahomoerótica* em João Gilberto Noll. Brasília: UNB, 2008. Dissertação em Literatura. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Departamento de Teoria Literária e Literaturas. Universidade de Brasília, 2008.

QUEEN, Carol; SCHIMEL, Lawrence. *PoMoSexuals: Challenging Assumptions About Gender and Sexuality*. New York: CleisPress, 1997.

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

ROCHA, Rejane C. Rastros e restos: a realidade possível em J. G. Noll. *Itinerários*, Araraquara, n. 32, p. 45-59, jan./jun. 2011.

SEDGWICK, Eve K. *Epistemology of the Closet*. Berkeley: University of California Press, 1991.

Notas

- 1 Lésbicas, gays, bissexuais e travestis, transexuais e transgêneros.
- 2 Esse termo será aprofundado mais à frente.
- 3 Esse termo será aprofundado mais à frente.
- 4 Intersexualidade, em seres humanos, é qualquer variação de caracteres sexuais que dificultam a identificação de um indivíduo como totalmente feminino ou masculino.